

O SUBSISTEMA DOXÁSTICO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS – UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA SELEÇÃO DOS MODOS VERBAIS

O SUBSISTEMA DOXÁSTICO EN LAS LENGUAS ROMÁNICAS – UN ANÁLISIS
COMPARATIVO DE LA SELECCIÓN DEL MODO VERBAL

THE DOXASTIC SUBSYSTEM IN ROMANCE – A COMPARATIVE ANALYSIS OF MOOD
SELECTION

Martin Becker*

Universidade de Colônia

RESUMO: Este artigo visa analisar os princípios de seleção do modo verbal no âmbito do sub-sistema doxástico no português do Brasil. Especialmente, esse estudo, que combina uma reflexão teórica sobre a modalidade doxástica com uma pesquisa empírica com base no Corpus do Português de Davies & Ferreira, pretende discutir a semântica de contextos intensionais criados por verbos de crença desde uma perspectiva formal, proposta da semântica modal. Para poder situar o sub-sistema do português do Brasil dentro do panorama pan-românico, estabeleceremos as diferenças entre as diferentes línguas românicas no que tange os princípios de seleção do modo verbal em contextos doxásticos. Apresentaremos os princípios particulares de seleção do modo verbal em cada língua românica numa formalização adequada.

PALAVRAS-CHAVE: Modalidade doxástica. Modo verbal. Semântica formal. Comparação de línguas românicas.

RESUMEN: Este artículo propone analizar los principios de selección del modo verbal en el ámbito del subsistema doxástico en el portugués de Brasil. Especialmente, este estudio, que combina una reflexión teórica sobre la modalidad doxástica con una investigación empírica basada en el Corpus do Português de Davies & Ferreira, pretende discutir la semántica de los contextos intencionales creados por los verbos de creencia desde una perspectiva formal dentro del enfoque avanzado por la semántica modal. Para situar el subsistema del portugués de Brasil en el panorama pan-románico, estableceremos las diferencias entre las distintas lenguas romances en cuanto a los principios de selección del modo verbal en contextos doxásticos. Presentaremos los principios particulares de selección del modo verbal en cada lengua románica en una representación formal apropiada.

PALABRAS CLAVE: Modalidad doxástica. Modo verbal. Semántica formal. Comparación de lenguas românicas.

*Martin Becker é professor titular de linguística românica na Universidade de Colônia. Seus interesses de pesquisa incluem as áreas de modalidade, modo, tempo e aspeto e teoria da mudança linguística. E-mail: martin.becker1@uni-koeln.de.

ABSTRACT: This article seeks to analyze the principles of mood selection in the domain of the doxastic sub-system in Brazilian Portuguese. Especially, this study, which combines the theoretical reflection on doxastic modality with an empirical study based on Davies' & Ferreira's *Corpus do Português*, aims to discuss the semantics of intensional contexts created by belief verbs from a formal perspective within a modal semantic approach. In order to situate the sub-system of Brazilian Portuguese within the pan-romanic panorama, we will establish the differences between Romance languages as regards the principles of verb mood selection in doxastic contexts. We are going to present the specific principles of mood selection in each Romance language in an appropriate formal semantic representation.

KEYWORDS: Doxastic modality. Mood. Formal semantics. Comparison between Romance languages.

1 INTRODUÇÃO

No meu artigo, eu gostaria de chamar a atenção para uma diferenciação e variação importante dentro do sistema dos modos verbais nas línguas românicas. Quero enfatizar o subsistema doxástico, ou seja, aquele determinado por predicados que expressam uma determinada crença ou convicção, como aquele com o verbo “acreditar” no exemplo (1) em português que nos acompanhará através deste estudo.

(1) O Pedro acredita que a Susana é simpática.

Quero aproveitar dessa diferenciação e variação no sistema dos modos verbais nas línguas românicas para discutir três aspetos marcantes que entram na temática desse volume dedicado à Linguística Formal:

- (1) Partindo das semelhanças fundamentais na organização dos modos verbais nas línguas românicas, eu pretendo salientar diferenças a nível micro-tipológico entre as línguas românicas com base no sub-sistema doxástico.
- (2) Entrando com mais detalhe no domínio da modalidade doxástica, eu gostaria de discutir como se pode analisar e caracterizar a semântica dos verbos de crença desde uma perspectiva formal, proposta da semântica modal;
- (3) Finalmente, apresentarei uma análise dos princípios da selecção dos modos verbais em diferentes línguas românicas, em termos da semântica formal.

Darei, porém, ênfase especial ao sub-sistema doxástico da variedade brasileira do português.

Passemos, então, primeiro, ao sistema dos modos verbais nas línguas românicas.

2 O SISTEMA DOS MODOS VERBAIS NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

2.1 AS MODALIDADES DE PRIORIDADE

Para começar, cabe destacar a grande convergência dos sistemas de modo verbal nas línguas românicas que se repercute numa zona idêntica e diacronicamente estável de selecção do modo subjuntivo. Esta zona se compõe da modalidade chamada de prioridade (*priority modality*, cf. PORTNER, 2009, p. 185.) e abrange, em particular, as modalidades deontica, bulética e teleológica. Estas três modalidades se referem a mundos que além de serem mundos futuros alternativos ao mundo real se revelam mundos ideais. Se a *modalidade deontica* compreende o domínio das leis, regras e normas sociais, a *modalidade bulética* enfoca o âmbito dos desejos e preferências pessoais. A modalidade *teleológica*, por sua vez, se refere ao meios ideais destinados a atingir um determinado objetivo (cf. PORTNER, 2009, p. 55 e p. 135).

São, por exemplo, expressões como “proibir” ou “permitir” que evocam a modalidade deontica, enquanto que verbos como “desejar” ou “querer” apontam para a modalidade bulética. A modalidade teleológica, em contraste, é expressa através do verbo modal “dever” (p. ex. Para manter a comida fresca, você tem de colocá-la na geladeira”). Por não entrar nosso enfoque temático no escopo da discussão neste artigo (verbos com sentenças-complemento), não me alongarei nesta modalidade de prioridade bem particular. Tampouco entraremos nos pormenores de uma análise refinada da semântica desses predicados, mas exporemos, pelo menos, uma propriedade essencial que partilham essas três modalidades chamadas de prioridade.

Os mundos possíveis aos quais as modalidades de prioridade se referem são mundos ideais no sentido de que neles prevalecem determinadas condições particulares impostas por uma fonte de ordem (da terminologia inglesa *ordering source*) (cf. KRATZER, 1991, p. 644). A título de ilustração tomemos o exemplo seguinte:

(2) A lei obriga que se mantenham esses dados por, no mínimo, 20 (vinte) anos após o desligamento do empregado.
(A LEI ... 2020)

Nesse exemplo, a subordinada (*que se mantenham esses dados etc.*) se refere a todos os mundos possíveis nos quais os dados em questão estão mantidos por 20 anos em caso de “desligamento” de um emprego. O verbo “obrigar” introduz, não somente uma base modal deontica, mas também pressupõe uma fonte de ordem; ou seja, um princípio, que ordena e hierarquiza mundos possíveis de acordo com o grau em que eles correspondem às regras estabelecidas pela lei. Por outras palavras: mundos possíveis, nos quais é aplicada essa lei, têm um *ranking* mais alto, ou seja, ocupam uma posição mais alta numa escala que mundos possíveis nos quais essas regras não se aplicam.

No caso dos verbos buléticos, a interpretação é parecida, só que agora, a “fonte de ordem” resulta das preferências pessoais do sujeito em questão. Eis um exemplo:

(3) Maduro almeja que Venezuela se torne a 5ª maior reserva de gás do mundo. (MADURO...2017).

O verbo principal “almejar” ativa o domínio da modalidade bulética e a subordinada “*Venezuela se torne a 5ª maior reserva*” evoca mundos possíveis que se conformam ao máximo a que o sujeito, nesse caso, Maduro, deseja. Podemos também afirmar que os mundos nos quais Venezuela se torna a 5ª maior reserva de gás são aqueles classificados numa posição mais alta na escala de preferências própria ou característica de Maduro.

A modalidade teleológica evoca também mundos possíveis mais valorados numa escala de alternativas objetivas já que se trata de mundos favoráveis a obtenção/atingimento do objetivo em questão (p. ex. *para manter a comida fresca*).

As modalidades deontica e bulética estão estreitamente ligadas à seleção do modo subjuntivo nas línguas românicas (e noutras línguas como o grego) e se assemelham na medida em que prespõem um princípio de ordem que classifica, ordena e hierarquiza os mundos possíveis. Porém, como vimos, os mundos respetivos se distinguem no que diz respeito à natureza desse princípio de ordem. Se, no caso da modalidade deontica, o princípio de ordem é de tipo normativo, este princípio, em relação à modalidade bulética, resulta de tipo subjetivo.

2.2 A MODALIDADE DOXÁSTICA – REFLEXÕES ANALÍTICAS

Em contraste com os domínios da modalidade de preferência, o “reino” da modalidade doxástica que evoca as crenças e convicções dos indivíduos não somente se organiza de maneira claramente diferente, mas também se diferencia de maneira especial em cada língua românica. Antes de entrar nessas particularidades da organização do sistema dos modos verbais no domínio doxástico, caracterizarei mais detalhadamente a modalidade e a sua análise na semântica formal.

Verbos doxásticos, tais como “acreditar”, seleccionam uma subordinada como objeto direto. Semânticamente eles expressam uma relação entre indivíduos (chamados também *âncora individual*, do inglês *individual anchor*) e proposições. Podemos descrever, por exemplo, o significado da sentença

(4) O Pedro acredita que a Susana é simpática.

de maneira seguinte: podemos afirmar que *o Pedro está na relação de acreditar com a proposição* “que a Susana é simpática”, o que equivale às seguintes condições de verdade:

A sentença “O Pedro acredita que a Susana é simpática” é verdadeira num determinado tempo t se *o par ordenado* [[Pedro]] e *a subordinada* [[Susana é simpática]] pertencem ao conjunto dos pares para os quais se verifica: *x está na relação de acreditar com a proposição p*. (CHIERCHIA, 2008, p. 457.). Eis uma formalização corrente (cf. CHIERCHIA; MCCONNELL-GINET², 2000, p. 304):

(5) [[O Pedro acredita que Susana é simpática]]_w = 1, iff <[[Pedro]]^{M,t,g}, [[que Susana é simpática]]^{M,t,g} > ∈ <[[acreditar]]^{M,t,g}.

No entanto, estamos particularmente interessados pela semântica da sentença subordinada “que Susana é simpática”. Para nos aproximar da semântica das subordinadas de predicados doxásticos lembramos, como ponto de partida da semântica oracional, a distinção proposta pelo filósofo alemão Gottlob Frege que, no seu famoso ensaio de 1892, intitulado *Über Sinn und Bedeutung* (*Sobre sentido e a referência*), destacou a distinção entre a *referência* (que ele chamava de “significado”) e o *sentido*, par terminológico que o filósofo da linguagem Rudolf Carnap iria rebatizar, décadas mais tarde, com as designações *extensão* e *intensão* (CARNAP, 1947). Se a referência de uma sentença (o *significado* de Frege) é um valor de verdade, a referência (ou o *significado*) de uma subordinada é o seu sentido. Escreve Frege no seu ensaio (a tradução é minha):

O caso de uma cláusula substantiva abstrata, introduzida por “que”, inclui o caso da citação indireta, em que, como vimos, as palavras têm sua referência indireta, coincidindo com o que é habitualmente seu sentido. Neste caso, portanto, a cláusula subordinada tem como referência um pensamento, não um valor de verdade. (FREGE, 1997 [1892], p. 571)

A introdução do conceito leibniziano de *mundo possível* na semântica formal permitiu um refinamento da descrição do significado da subordinada. A noção – de fato - quotidiana de *pensamento* (no sentido de Frege) corresponde ao conceito de *proposição*, que a semântica oracional encara como uma função que tem como variável mundos possíveis e que dá como valor os valores de verdade, 1 (para o estatuto de verdadeiro) e 0 (para o estatuto de falso).

Agora podemos determinar o significado da subordinada “que a Susana é simpática” como um conjunto de mundos possíveis em que essa sentença é verdadeira. Valendo-nos de uma maneira ligeiramente diferente de encarar o significado de proposições, podemos afirmar na esteira da semântica de Hintikka que a proposição “a Susana é simpática” divide ou “[...] ‘particiona’ o espaço lógico em duas partes, ou seja, numa parte (ou conjunto de mundos) onde ‘a Susana é simpática’, e numa outra parte no qual a proposição ‘a Susana é simpática’ não se verifica (cf. ZIMMERMANN; STERNEFELD, 2012, p. 188).

Ora bem, predicados “doxásticos” tais como “acreditar” delimitam o conjunto dos mundos levados em consideração na hora de avaliar o estatuto veri-condicional de uma sentença. Estes mundos se reduzem àqueles doxasticamente acessíveis pelo sujeito (ou *âncora individual*) da sentença complexa. No marco da semântica do lógico finlandês Jaakko Hintikka podemos também afirmar que um predicado doxástico tal como “acreditar” tematiza as alternativas doxásticas de um sujeito. Surge a pergunta por quê se trata de um conjunto de mundos possíveis, ou seja, de alternativas doxásticas?

Vários argumentos foram avançados pela literatura semântica para justificar a hipótese de uma pluralidade de mundos doxásticos (contra McCawley, 1978, 1991; Farkas, 1992a, 1992b):

1) Uma crença corresponde, na esteira de Frege, a um pensamento, ou numa perspectiva carnapiana, à intensão de uma sentença, ou seja de uma predicação; como vimos mais acima, a intensão de uma sentença pode ser encarada como um conjunto de mundos nos quais a predicação é verdadeira (e o estado de coisas descritas na sentença se dá) (cf. STALNAKER, 1978, p. 316; LOHNSTEIN, 2000, p. 35).

2) Como salientam semanticistas como Gennaro Chierchia, não operamos com um único sistema de crenças, mas vários deles convivem em nós, apesar de tendermos a desenvolver crenças coerentes. São incongruências características das nossas convicções do tipo seguinte: podemos, por exemplo, achar que todos os políticos são corruptos na segunda-feira, mas, ao mesmo tempo, podemos torcer, ao sábado e ao domingo, pelo impactante político populista Zé Povinho que nos inspira a crença de que é o político mais honesto e sincero do mundo. Nesse caso, acesamos a dois sistemas de mundos doxásticos diferentes: em um conjunto de mundos doxásticos, todos os políticos são corruptos; num outro conjunto de mundos doxásticos, o populista Zé Povinho é um político honesto e sincero. (Cf. também o exemplo discutido em CHIERCHIA, 2008, p. 462).

3) Podemos entreter convicções errôneas, simplesmente ignorar fatos do mundo real ou ficar na indecisão sobre determinados estados de coisas; enquanto não sabemos em que mundo nos encontramos, dado o problema epistemológico do conhecimento imperfeito de sujeitos, estamos diante de um cenário de um conjunto de alternativas possíveis. No caso de convicções errôneas, o sujeito doxástico acredita se encontrar num mundo m no qual uma determinada proposição, por exemplo, p_1 é verdadeira (p.ex. O faraó acredita p_1 : a terra é o centro do universo = 1), conjuntamente com outras proposições p_2 até p_n . Porém, um observador externo (por exemplo, um falante contemporâneo) sabe que p_1 é falso (p_1 : a terra é o centro do nosso universo = 0) e que o sujeito possui uma crença errônea p_1 que abre uma série de alternativas ao mundo real no qual a proposição em questão é verdadeira (p. ex. se $p_1 \rightarrow p_2$: o sol gira em torno do mundo). Portanto, os mundos doxásticos do sujeito discordam dos mundos doxásticos do falante (ou de outro observador externo) com respeito a todos os mundos (ou alternativas) nos quais a proposição p_1 é verdadeira (Cf. STALNAKER, 1978, p. 322; LOHNSTEIN, 2000; p.40, BECKER, 2014, p. 104).

4) Além disso, as nossas crenças têm forças diferentes o que leva também a cenários de mundos alternativos; dividimos esses mundos alternativos em conjuntos nos quais a proposição p é o caso e em conjuntos nos quais o contrário, não- p , é o caso.

5) No marco da semântica de Hintikka, podemos conceber uma crença ou convicção como parte integrante de um estado doxástico: conforme esta abordagem, um estado doxástico contém todos os mundos que o sujeito em questão considera verdadeiramente possíveis de modo que qualquer um desses mundos pode ser o mundo real que o sujeito habita. Esta concepção de crenças opera com alternativas doxásticas e manuseia todos os factores que acabamos de enumerar, especialmente, situações de indecisão, variabilidade da força de crenças, ligada a cenários de alternativas possíveis de tipo diferente, conhecimentos imperfeitos e erros doxásticos. (Cf. ZIMMERMANN; STERNEFELD, 2012, p. 190).

Voltamos agora à questão de como determinar a semântica da subordinada selecionada como segundo argumento do predicado doxástico “acreditar”, e, em particular, a semântica da subordinada na sentença complexa [[O Pedro acredita que a Susana é simpática]]. Com base nas reflexões que acabamos de desenvolver, podemos assertar que a subordinada „que a Susana é simpática“ é verdadeira de um mundo possível w se as alternativas doxásticas de Pedro constituem um sub-conjunto do conjunto dos mundos nos quais a Susana é simpática. Para refinar esta descrição, remetemos para elaborações propostas por semanticistas que se dedicaram ao estudo de contextos intensionais tais como Giorgi e Pianesi (1997), Heim e Kratzer (2002), Portner (2009) e Lohnstein (2011).

Caracterizamos os mundos doxasticamente acessíveis pelo sujeito da sentença complexa como base modal doxástica que depende do sujeito da crença em questão (a *âncora individual*) e do seu mundo w . Podemos dizer, portanto, que a sentença “o João acredita que a Susana é simpática” é verdadeira num mundo w , sse (se e somente se) a proposição “que a Susana é simpática” decorre da base modal doxástica. A proposição p (a Susana é simpática) tem de decorrer da base modal doxástica do João, já que a base modal doxástica descreve todas as convicções de João no “seu” mundo w e a proposição em questão forma parte dela. Portanto, podemos notar:

(6) $\forall w[w \in HG_{dox}(\text{João}, w) \rightarrow [\text{que a Susana é simpática}](w)]$

A fórmula captura esse *insight* da seguinte forma: de todos os mundos (=w) que são compatíveis com as crenças de João (ou seja, que são doxásticamente acessível ao João) decorre logicamente que (nesses mundos) a Susana é simpática.

Passemos na próxima seção às diferenças na organização do subsistema doxástico dentro do sistema dos modos verbais em algumas línguas românicas. Tentamos também capturar essas diferenças através de uma formalização adequada.

3 O SUBSISTEMA DOXÁSTICO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS EM CONTRASTE

No italiano padrão, o predicado doxástico „credere“ seleciona praticamente em todos os contextos o modo subjuntivo. Vejam um exemplo característico:

(7) Spero che le circostanze ci permettano di discutere. Crediamo che sia piuttosto importante e necessario non solo per i nostri Paesi ma per l'intera comunità internazionale. (TRUMP..., 2018).

Em espanhol, os verbos doxásticos selecionam o indicativo em sentenças afirmativas sem exceções, mas podem selecionar o subjuntivo em contextos no escopo do operador de negação. Um exemplo num contexto afirmativo:

(8) Voltaire no es ateo: *cree que* el orden del mundo no puede ser un azar, una feliz (o infeliz) coincidencia en la combinación de átomos. (Prensa, La Vanguardia, 22/11/1994, España: Las paradojas del deísmo volteriano, Barcelona, 1994) em: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>> [05.04.2018]

O modo verbal seria inclusive o indicativo se o falante acreditasse que a proposição fosse errônea como em (9).

(9) Pepe de verdad cree que la Tierra es un platillo volador.

Vejamos outro exemplo, (10), marcado pelo modo subjuntivo, dada a presença do operador de negação:

(10) El periodista y escritor Pepe Rodríguez, que ha escrito siete libros sobre el fenómeno de las sectas, *no cree que* los seguidores de Heide Fittkau-Garthe tengan nada que ver con la Orden del Templo Solar [...]. (Prensa, El País, 09/01/1997: La policía evita en Tenerife el suicidio de una treintena de miembros, El País (Madrid), 1998), em: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. <<http://www.rae.es>> [05.04.2018].

Em romeno, porém, os verbos doxásticos selecionam o indicativo em todos os contextos ainda que a proposição em questão esteja no escopo do operador de negação:

(11) *Nu cred că* a duce oamenii în pușcărie reprezintă o soluție. (Eu não acredito que trazer os homens para a cadeia/penitenciária seja uma solução) (MINISTRUL...2018).

Agora, coloca-se a questão de saber como podemos representar estas diferenças nas línguas românicas, aproveitando de ferramentas da semântica formal?

Levamos em consideração que o italiano, por um lado, e o espanhol e o romeno, por outro, constituem os pólos opostos do subsistema doxástico nas línguas românicas. No que se refere ao italiano, podemos constatar que o modo subjuntivo distingue uma

crença subjetiva de um conhecimento ou de uma descrição de um estado de coisas no mundo real (desde a perspectiva do falante). Por outras palavras, em italiano, o subjuntivo marca *o estatuto intensional*, ou seja, de “pensamento” na terminologia de Frege, de uma sentença. A sentença em subjuntivo sinaliza que a sentença pertence ao estado doxástico de um sujeito (de uma *âncora individual*), de suas alternativas doxásticas, contrastando-as com o mundo do falante e do seu mundo de enunciação de que ele é garante no que diz ao estatuto vericondicional das proposições e dos estados de coisas que elas representam.

Podemos, logo, notar que “credere” mais conjuntivo salienta que a proposição subordinada faz parte *das alternativas doxásticas do sujeito da crença* em questão e que decorre da base modal doxástica que contém todos os mundos compatíveis com o que o sujeito acredita. Em termos formais:

$$(12) [[\text{credere}'(\text{p}_{+\text{subjuntivo}})(x)]]_w = 1, \text{ iff } \forall w [w \in \text{BM}_{\text{dox}}(x, w) \rightarrow [\text{p}]'(w)]$$

Em espanhol, o modo subjuntivo tem uma função completamente diferente: marca que a proposição subordinada *não faça parte das alternativas doxásticas* do sujeito, ou seja, que os mundos que lhe são doxasticamente acessíveis não contém os mundos nos quais a subordinada se verifica. Podemos representar essa idéia através da fórmula seguinte:

$$(13) [[\text{NO creer}'(\text{p}_{+\text{subjuntivo}})(x)]]_w = 1, \text{ iff } \forall w [w \in \text{HG}_{\text{dox}}(x, w) \rightarrow [\neg\text{p}]'(w)];$$

Acrescentemos que no caso do romeno, a subordinada é marcada pelo modo indicativo independentemente se a proposição em questão é doxasticamente acessível, ou não. Podemos, portanto, concluir que na língua romena o estatuto particular da base modal doxástica não é indicado morfológicamente. A alternância dos modos diferencia em romeno (como aliás no grego moderno) as modalidades de prioridade (que evocam mundos ideais e supõem uma fonte de ordem que classifica e hierarquiza o mundos alternativos) das outras modalidades (incluindo a modalidade doxástica).

4 O SUBSISTEMA DOXÁSTICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Nesta seção, abordamos o subsistema doxástico do português do Brasil. Cabe salientar, de imediato, que este subsistema é o mais complexo dentro das línguas românicas. Acrescentamos entre parêntesis que o sub-sistema do português europeu, que deixamos de lado neste artigo, se aproxima bastante do sistema da língua espanhola (ou catalão também) (veja-se QUER, 1998, p. 59).

Iniciamos a nossa análise com os resultados de um levantamento de dados com base no *corpus* do português de Davies e Ferreira (2006). Levamos em consideração a combinação da forma de 1ª pessoa singular, marca do falante, “acredito” com diversas categorias verbais, assim como aquela da 3ª pessoa singular “acredita”, que enfoca conteúdos não diretamente acessíveis ao falante. A tabela seguinte resume os resultados:

	Indicativo (presente/futuro/condicional, passado)	Subjuntivo (presente/passado)	Total ocorrências
Acredito	144 + 35 + 11 + 9 = 199 (73,4%)	61 + 11 = 72 (26,6%)	271
NAO acredito	19 + 2 + 1 + 1 = 23 (22,3%)	19 + 61 = 80 (77,7%)	103
Acredita	198 + 9 + 117 + 13 = 337	72 + 6 = 78	415

	(81,2%)	(18,8%)	
NAO acredita	3 + 4 + 0 + 1 = 8 (18,6%)	33 + 2 = 35 (81,4%)	43
Total	567 (68,1%)	265 (31,9%)	832 (100%)

Os resultados deixam entrever uma alternância entre o indicativo e o subjuntivo em todos os contextos em exame. Em contextos afirmativos, o subjuntivo é possível, mas o indicativo se mostra muito mais frequente (aproximadamente três vezes mais) do que o subjuntivo se somarmos as formas do futuro – aliás muito frequentes – ao indicativo. Em contextos no escopo do operador de negação, porém, prevalece de longe o modo conjuntivo.

Vejamos exemplos da alternância dos modos verbais vinculada à forma “acredito”:

(14) com indicativo:

JC - Quando deve sair a regulamentação? [...]. Agora, *acredito que* a regulamentação sai até o final do ano. (CdP, Paulo Roberto de Andrade, 09-30-1997, [28.04.2018])

(15) com subjuntivo:

Acredito que em um futuro não muito próximo se evolua para a desmilitarização. (CdP, Coronel Humberto Viana, 07-06-1997, [28.04.2018])

Notamos que o modo da forma verbal varia de acordo com a força da convicção, ou seja, com o grau de certeza, do falante que, no marco de uma estratégia pragmática, pode indicar diferentes graus de engajamento pessoal.

No exemplo (14), com o indicativo, um responsável político, se compromete a contribuir para a viabilização de regulamentação até o final do ano. Ele tem de ser convincente para o público e apresenta a própria convicção como certeza. Entretanto, no exemplo (15), com o subjuntivo, o falante desenvolve somente um dos cenários possíveis do futuro político do seu país. Parafraseando, podemos assertar que o sujeito considera uma alternativa provável (talvez a mais provável) que, porém, não é nem necessária, nem segura.

Em termos da semântica formal, podemos reformular estas duas descrições da seguinte maneira: no caso de a subordinada no indicativo (= 14) se dá: em todos os mundos doxasticamente acessíveis ao falante, a regulamentação sai até o final do ano; no caso da subordinada no conjuntivo (= 15), podemos assertar que em alguns, ou seja, pelo menos um dos mundos doxasticamente acessíveis ao falante, o futuro evolui para a desmilitarização. Porém, noutros mundos, ou seja, pelo menos, um mundo doxasticamente acessível ao falante, a desmilitarização não acontece, quer dizer, não se verifica. Podemos formalizar essa semântica da subordinada no conjuntivo da seguinte maneira:

(16) $[[acredito'(p_{+subjuntivo})(x)]]_w = 1$, iff $\exists w[w \in BM_{dox}(FALANTE, w)]$ se da:

$\neg p(w) \wedge \exists w'[w' \in BM_{dox}(FALANTE, w)']$ se da: $p(w')$;

Para refinar a nossa análise, podemos introduzir também uma fonte de ordem (“*ordering source*”) que classifique as alternativas possíveis e que permita restringir os mundos levados em consideração aos mundos mais normais, ou seja, a evoluções futuras mais previsíveis. Este parâmetro, a saber o *princípio de normalidade* enquanto fonte de ordem, possibilita a distinção e integração de probabilidades, ou seja, de uma escala de graus de probabilidade, na descrição formal das alternâncias do modo verbal. Logo, é possível completar a descrição das condições de verdade no caso das sentenças com “*acredito que*” + *indicativo* acrescentando que a

proposição em questão tem de ser verdadeira nos mundos mais normais, ou seja, mais “semelhantes” ao mundo real (i.e. o mundo de base do ato de enunciação). Escusado será dizer que os mundos mais “normais” são também os mais prováveis.

Conforme Kratzer (1991, p. 644) e, especialmente, Lohnstein (2011, p. 350) podemos formular esse princípio de normalidade (enquanto fonte de ordem) como segue:

(17) $[[\text{acredito}'(\text{p}_{+\text{indicativo}})(\text{x})]]_{\text{w}} = 1$, iff para todos os $\text{w}' \in \text{BM}_{\text{dox}}(\text{FALANTE}, \text{w})$] se verifica:
 $\exists \text{w}'' \in \text{BM}_{\text{dox}}(\text{FALANTE}, \text{w}')$, com $\text{w}'' \leq_{\text{w}} \text{w}'$ e para todos os $\text{w}''' \leq_{\text{w}} \text{w}''$ se verifica
 $[[\text{p}]](\text{w}''')$.

A fórmula representa a *insight* que, no caso do indicativo, a proposição tem de ser verdadeira nos mundos (doxásticamente acessíveis) mais normais (que são os mundos w''' que são pelo menos tão normais que um mundo limiar w'' que é pelo menos tão normal que os mundos doxásticamente acessíveis do falante w').

A alternância dos modos com a terceira pessoa com base na forma „*acredita*“ explica-se por critérios diferentes. Para identificar pelo menos dois critérios, vejam-se os exemplos seguintes:

(18) com indicativo

a. A dirigente acredita que o problema não é a defasagem, mas a falta de respeito com a convenção. (CdP, ABR-18-1997, Servidor do Estado paralisa por 2 dias, [28.04.2018])

(19) com o subjuntivo

a. Rutskoi disse que acredita que seu partido possa fazer o próximo presidente de a Rússia, em 1996. (CdP, Folha:2935:SEC:pol, 1994b, [28.04.2018]).

b. O delegado acredita que o frio tenha sido a causa da morte. (CdP, Folha de São Paulo, Frio volta a matar em SP, 06/02/1996, [28.04.2018])

Como mostram os exemplos em (19), o *parâmetro da força modal* desempenha também um papel importante com respeito à alternância dos modos verbais. Em (19 a) o operador de possibilidade “*poder*” no subjuntivo indica que o estado de coisas descrito na subordinada se realiza em alguns (ou seja, pelo menos um) dos mundos doxasticamente acessíveis, mas não em todos os mundos doxásticamente acessíveis ao Senhor Rutskoi.

Os exemplos (18) e (19) evidenciam que nem a relação doxástica por si nem a certeza do sujeito, ou seja, uma crença fortemente enraizada, determina necessariamente a escolha de um determinado modo verbal. Nos exemplos (18) e (19b), a crença do sujeito é firme, de modo que a proposição subordinada é verdadeira em todos mundos doxasticamente acessíveis pelo sujeito. O que explica a alternância dos modos verbais é o *parâmetro do falante*: as abonações no Corpus de Ferreira e Davies (2006) sugerem que o indicativo aparece quando o falante se limita a *focalizar a crença do sujeito sem tomar uma posição*. Se, pelo contrário, ocorre o subjuntivo, o falante quer sinalizar a própria distância com respeito à crença do sujeito. Por outras palavras, o falante não está prestes a garantir a verdade da proposição que reflete uma determinada crença do sujeito (como é o caso no exemplo (19b)). Podemos reformular esta análise da seguinte maneira:

(20) $[[\text{acredita}'(\text{p}_{+\text{subjuntivo}})(\text{x})]]_{\text{w}} = 1$, iff $\forall \text{w}[\text{w} \in \text{BM}_{\text{dox}}(\text{x}, \text{w}) \rightarrow [\text{p}'](\text{w})]$ AND
 iff $\exists \text{w}'[\text{w}' \in \text{BM}_{\text{dox}}(\text{FALANTE}, \text{w}') \wedge \text{se da: } [\neg \text{p}'](\text{w}')]$

A fórmula representa o *insight* que o subjuntivo pode marcar que mesmo o sujeito ou âncora individual x tendo a certeza de que p é verdadeiro (em todos os mundos que lhe são doxásticamente acessível), o falante não exclui que p possa ser falso (em, pelo menos, um mundo que lhe é doxásticamente acessível).

5 UMA BREVE CONCLUSÃO

Podemos concluir que o subsistema dos modos verbais no domínio da modalidade doxástica se distingue muito entre as diferentes línguas românicas aqui analisadas. Como vimos, nos polos opostos encontramos o romeno e o italiano. Ambas línguas partilham a particularidade de que não diferenciam os diferentes tipos de crença. Porém, se o romeno basicamente seleciona o subjuntivo em contextos de modalidade de prioridade, o que equivale a dizer que jamais em interação com predicados doxásticos, o italiano padrão quase sempre recorre ao subjuntivo nesses contextos já que esse modo sinaliza o caráter *subjetivo* da relação de acessibilidade doxástico que entretem um sujeito (a âncora individual) com um conjunto de mundos possíveis que são compatíveis com a proposição em questão. Em espanhol (e também em catalão), o modo subjuntivo marca, em conjunto do operador de negação, que a proposição subordinada não faz parte do conjunto dos mundos possíveis que são doxásticamente acessíveis ao sujeito (ou âncora individual), ou seja, das suas alternativas doxásticas. O sub-sistema doxástico do português brasileiro revelou-se o mais complexo. Desempenham um papel determinante na seleção do modo correspondente:

- a variável “pessoa” (falante vs. um terceiro)
- o operador de negação (e provavelmente outros operadores como o operador interrogativo)
- o grau de probabilidade com que o falante considera/avalia a realização da proposição (no caso da primeira pessoa)
- o parâmetro da força modal em contextos modalizados (acreditar + poder/dever)
- o parâmetro do falante que pode tomar uma posição ou se abster de marcar a própria posição em relação à proposição em questão (em contextos de terceira pessoa).

É evidente que precisamos de estudos posteriores para refinar a nossa descrição e análise, especialmente tomando conta do peso de cada fator na determinação da seleção do modo verbal nos distintos contextos. É, afinal, preciso não deixar de lado a combinação das formas “acredito” e “acredita” com o futuro, o condicional e as formas do passado. É de notar que especialmente o futuro e o condicional desempenham um papel particular nas subordinadas selecionadas por uma verbo doxástico já que se situam na encruzilhada entre o reino do indicativo e aquele do subjuntivo.

REFERÊNCIAS

- BECKER, M. *Sprache in Welten. Zur Entwicklung der Kategorie „Modus“ in romanischen Sprachen*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2014.
- CARNAP, R. *Meaning and necessity*. Chicago: University of Chicago Press, 1947.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Trad. Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- CHIERCHIA, G.; McCONNELL-GINET, S. *Meaning and grammar: an introduction to semantics*. Cambridge, Mass.: MIT, 2000.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s. – 1900s*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. [Citado também como CdP].
- FARKAS, D. On the semantics of subjunctive complements. In: HIRSCHBÜHLER, P.; KÖRNER, K. *Romance languages and modern linguistic theory: papers from the 20th linguistic symposium on romance languages (LSRL XX)*, Ottawa, 10-14 April 1990. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1992a. p. 69–104.
- FARKAS, D. Two types of world-creating predicates“. In: BRENTARI, D. et al. *The joy of grammar: a festschrift in honor of James D. McCawley*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1992b. p. 35-63.

FREGE, G. Über Sinn und Bedeutung. In: PATZIG, G. *Funktion, Begriff, Bedeutung. Fünflogische Studien*. Göttingen: Vandenhoeck, 1997. [1892]. p. 40-65. [English translation: *On sense and reference*, transl. by Max Black. In: LUDLOW, P. *Readings in the Philosophy of Language*. Cambridge MA: The MIT Press, 1997. p. 563-584].

GIORGI, A.; PIANESI, F. *Tense and aspect: from semantics to morphosyntax*. New York et al.: Oxford University Press, 1997.

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in generative grammar*, Repr. Malden, Mass., et al.: Blackwell, 2002.

KRATZER, A. Modality. In: STECHOW, A. v.; WUNDERLICH, D.. *Semantik: ein internationales Handbuch der zeitgenössischen Forschung*. Berlin/New York: De Gruyter, 1991, p. 639–650.

LOHNSTEIN, H. *Satzmodus – kompositionell: zur Parametrisierung der Modusphrase im Deutschen*. Berlin: Akademie Verlag, 2000.

LOHNSTEIN, H. *Formale Semantik und natürliche Sprache*. Berlin, New York: De Gruyter, [2011].

McCRAWLEY, J. D. World-creating predicates. *Versus*, n. 19/20, , p. 77–93, 1978.

McCRAWLEY, J. D. *Everything that linguists have always wanted to know about logic but were ashamed to ask*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

PORTNER, P. *Modality*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

QUER, J. *Mood at the interface*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1998.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Banco de datos (CREA) [en línea]. *Corpus de referencia del español actual*. [2018]. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 5 abr. 2018.

STALNAKER, R. Assertion. In: COLE, P. *Syntax and Semantics 9: Pragmatics*. New York: Academic Press, 1978. p. 315-332.

ZIMMERMANN, Th. E.; STERNEFELD, W. *Introduction to semantics: an essential guide to the composition of meaning*. Berlin u.a.: De Gruyter Mouton, 2013.

Fontes:

A LEI obriga. Dúvidas frequentes em: <https://sebramet.com.br/duvidas-frequentes>. Acesso em: 24 maio 2020.

MADURO almeja que Venezuela se torne a 5ª maior reserva de gás do mundo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 nov. 2017. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Internacional/2017/11/635409/Maduro-almeja-que-Venezuela-se-torne-a-5-maior-reserva-de-gas-do-mundo>. Acesso em 24 maio 2020.

MINISTRUL de Finanțe vrea să schimbe încă o lege: Nu cred că a duce oamenii în pușcărie este o soluție. *Ziarul Financiar*, 1 mar. 2018. Disponível em: <https://www.zf.ro/banci-si-asigurari/ministrul-de-finante-vrea-sa-schimbe-inca-o-lege-nu-cred-ca-a-duce-oamenii-in-puscarie-este-o-solutie-17045301>. Acesso em: 24 maio 2020.

TRUMP invita Putin alla Casa Bianca. *Corriere della Sera*, 2 aprile 2018. Disponível em: http://www.corriere.it/esteri/18_aprile_02/trump-invita-putin-casa-bianca-aa3303f4-3687-11e8-a836-1a6391d71628.shtml. Acesso em: 24 maio 2020.



Recebido em 21/03/2020. Aceito em 27/03/2020.